

## **Dialetos do Brasil: a palatalização dos fonemas /t/ e /d/\***

Flávia Leonel Falchi<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo aborda a palatalização dos fonemas /t/ e /d/ junto à vogal /i/ em alguns dialetos brasileiros, buscando formular uma hipótese que explique tal ocorrência. Desse modo, realiza-se um estudo histórico da língua portuguesa desde sua origem latina, atendo-se às concepções de mudança e variação lingüística. Trabalha-se com os conceitos de consoantes dentais e palatalizadas, bem como com a noção de que a palatalização seria um processo habitual de mudança fonética das línguas, desencadeado, no Brasil, pelo contato da língua portuguesa trazida pelo colonizador com outras línguas. Assim, após analisar, ao longo da história brasileira, a relação do português e demais línguas, formula-se a hipótese de que a palatalização das consoantes /t/ e /d/ em alguns dialetos do Brasil tenha se originado nas línguas indígenas, especialmente na língua geral paulista, e a partir daí, se expandido pelo território brasileiro, principalmente por meio dos bandeirantes. Observa-se ainda uma tendência de crescimento das regiões que realizam fonemas /t/ e /d/ alveopalatais neste país, visto influência exercida por megalópoles palatalizadoras.

**Palavras-chave:** Língua portuguesa. Variação lingüística. Dialetos brasileiros. Fonética. Palatalização de /t/ e /d/.

### **Introdução**

Toda língua sofre variações. A língua portuguesa, idioma oficial de diferentes países, não é falada da mesma forma em todas as regiões. Prova disso é a existência de dialetos

---

<sup>1</sup>Flávia Leonel Falchi é graduanda do terceiro período do curso de Letras da Universidade Federal de Goiás da cidade de Goiânia.

Professora Indicadora do artigo: Doutora Maria Suéli de Aguiar, da Universidade Federal de Goiás; *Campus* Samambaia; Faculdade de Letras; Curso de Letras.

Artigo baseado em comunicação realizada pela autora no XI Colóquio de Pesquisa e Extensão da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás.

---

dentro do próprio território brasileiro.

Um exemplo de variação fonética que marca os dialetos do Brasil é a que ocorre com os fonemas /t/ e /d/, que, de acordo com a região onde são pronunciados, podem ser produzidos como palatalizados ([t<sup>j</sup>] e [d<sup>j</sup>]), quando antecedem a vogal /i/, e/ou dentais ([t̪] e [d̪]).

Dada à abrangência dessa variação, questiona-se como essa diferença fonética surge.

Tendo-se isso em vista, este artigo, fruto de pesquisa em andamento, tem como objetivo levantar hipótese em busca de uma explicação para o que ocorre com os fonemas /t/ e /d/.

Para isso, foram efetuadas pesquisas sobre a história da língua portuguesa, enfatizando-se as mudanças fônicas que são próprias das línguas.

Assim, o presente artigo realiza inicialmente uma abordagem sobre a origem latina da língua portuguesa, atendo-se à ideia de mudança e variação linguística, para somente depois apresentar um estudo sobre o processo de palatalização em dialetos brasileiros.

### **Dialetos do Brasil: a palatalização dos fonemas /t/ e /d/**

A língua portuguesa tem suas origens em mudanças linguísticas no latim vulgar, ocasionadas pelo contato deste, em território ibérico, com outras línguas.

Segundo Guimarães (2005),

na Península Ibérica o latim entrou em contato com línguas já ali existentes. Depois houve o contato do latim já transformado com as línguas germânicas, no período de presença desses povos na península (de 406 a 711 d. C.). Em seguida, com a invasão mulçumana (árabe e berberes), esse latim modificado e já em processo de divisão entra em contato com o árabe. Na primeira fase do processo de reconquista da Península Ibérica pelos cristãos, que tinham resistido no norte, os romances (latim modificado por anos de contato com outros povos e línguas) tomaram uma feição específica no oeste da península, formando o galego-português e em seguida o português.

Claro que o português formado a essa época não é o mesmo português falado hoje no Brasil, Portugal, Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné Bissau, Timor Leste, São Tomé e

Príncipe. Isso porque, as línguas variam: uma única língua possui diferentes falares. Assim, é perfeitamente comum a fala de um paulista se diferenciar da de um pernambucano, já que a língua, de acordo com Saussure (2003, p. 17), é “um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos.” Diferentemente da fala, que é “um ato individual de vontade e inteligência”. (SAUSSURE, 2003, p. 22)

Considerando-se isso, é possível que a fala varie de indivíduo para indivíduo, no vocabulário, na fonética, na morfologia e na sintaxe, conforme fatores como escolaridade, nível econômico, fronteira geográfica, grau de formalidade da situação, entre outros.

Um exemplo de variação fonética é a que ocorre no Brasil com os fonemas /t/ e /d/.

Segundo Callou e Leite (2000, p. 73), esses fonemas “apresentam uma variação sistemática a depender do contexto fônico e da região do país.”

Dessa forma, no Brasil, os fonemas /t/ e /d/, quando antecedem a vogal /i/, podem aparecer como dentais ([t̪] e [d̪]) ou/e palatalizados ([tʲ] e [dʲ]).

Crystal (2000, p. 75, grifo do autor) define como dentais os “sons produzidos com as BORDAS e o ÁPICE da língua contra os dentes” e palatalizados, “qualquer articulação que envolva um movimento da língua em direção ao palato duro.” (CRYSTAL, 2000, p. 193)

Assim, de acordo com Dubois (2004, apud DIAS, 2009, p. 55), a palatalização seria então, “um fenômeno particular de assimilação que algumas vogais e consoantes sofrem em contato com um fonema palatal.”

No português brasileiro, um fonema palatalizador é a vogal alta /i/.

As consoantes /t/ e /d/ de alguns dialetos do Brasil são palatalizadas devido a um processo de assimilação em que o traço [+alto] do fonema /i/ se estende aos fonemas /t/ e /d/. (RIOS, 1996)

Assim, dentro dos diferentes falares do português brasileiro, é possível encontrar variantes condicionadas dos fonemas /t/ e /d/:

Transcrição fonográfica	Transcrição fonética	Transcrição ortográfica
titulu	[ 't̪í:t̪ùl̪ù ] ~ [ 'tʲí:t̪ùl̪ù ]	título
leiti	[ 'lé:ʝt̪ì ] ~ [ 'lé:ʝtʲì ]	leite
dica	[ 'd̪í:kè ] ~ [ 'dʲí:kè ]	dica
desdi	[ 'd̪é:sd̪ì ] ~ [ 'd̪é:sdʲì ]	desde

Contudo, por que tal palatalização ocorre?

Segundo pesquisas linguísticas, a palatalização é um processo habitual de mudança fonética: “em línguas e épocas muito diferentes, podemos encontrar mudanças fonéticas semelhantes.” (ILARI, 2008, p. 137)

Callou e Leite (2000) chamam atenção para o fato de a variação e a mudança fonológica do ponto de articulação de anterior para posterior parecer representar uma tendência universal.

Poder-se-ia dizer então, que há sons que tendem a se palatalizarem.

Dias (2009, p. 58) observa que “no decorrer da evolução do latim ao português, as consoantes que sofreram o processo de palatalização tiveram como princípio a assimilação do ponto de articulação da vogal alta anterior [ i ] que as precediam ou seguiam.”

Desse modo, a palatalização que acontece hoje com os fonemas /t/ e /d/ no português brasileiro seria similar a que o latim passou durante a formação das línguas românicas.

Todavia, se a palatalização das consoantes /t/ e /d/ provém de um sistema habitual de mudança nas línguas, por que esse processo não ocorre, segundo Pagotto (2005), em algumas regiões brasileiras, em Portugal e nos demais países de língua portuguesa? O que teria desencadeado a palatalização dos fonemas /t/ e /d/ em determinados dialetos do Brasil?

De acordo com a pesquisa até então realizada, o português trazido pelos lusitanos durante a colonização não palatalizava esses fonemas. Prova disso é: a fala do povo do litoral nordestino brasileiro, que preserva o maior número de características do português falado na época da colonização, realizar os fonemas /t/ e /d/ como dentais; e Portugal produzir atualmente os fonemas /t/ e /d/ como [ t̪ ] e [ d̪ ], o que confirma a hipótese do português

trazido pelos portugueses não ser palatal, visto que, como já se expôs, as línguas tendem à palatalização, não o contrário.

Desse modo, consoantes /t/ e /d/ alveopalatais em algumas regiões brasileiras não teriam resultado da conservação do português do colonizador, mas sim, do contato da língua portuguesa com outras línguas ao longo de sua história em território brasileiro.

Segundo Guimarães (2005), o idioma lusitano começa a ser transportado para o Brasil em 1532, com o início efetivo da colonização.

“No primeiro momento da colonização do Brasil, a língua portuguesa teve que dividir o espaço com inúmeras línguas indígenas, com as línguas gerais e também com outras línguas de origens europeias como a holandesa, francesa e espanhola.” (DIAS, 2009, p. 36) Posteriormente, entrou em contato com as línguas africanas dos negros escravizados e ainda com as línguas dos imigrantes italianos, alemães, japoneses, sírio-libaneses, russos, lituanos e austríacos.

Todavia, em meio a tantas línguas, como saber qual/quais desencadeou/desencadearam o processo de palatalização das consoantes /t/ e /d/ em alguns dialetos brasileiros?

Analisando-se a relação de cada uma dessas línguas com a língua portuguesa e a época em que o contato entre elas se deu, pôde-se perceber que:

a) a língua holandesa certamente não foi a responsável pela palatalização dos fonemas /t/ e /d/ no português brasileiro, já que, segundo Cotrim (2002), os holandeses invadiram o nordeste brasileiro durante o século XVII e permaneceram basicamente em Salvador e Recife, onde hoje se produz [t̺] e [d̺];

b) a língua francesa também não palatalizou os fonemas /t/ e /d/ brasileiros, considerando-se que os franceses não chegaram em grande número no Brasil e ainda que, o que se tem mais próximos dos palatalizados /t/ e /d/ na língua francesa são fones falados apenas no leste do Canadá;

c) as línguas africanas dificilmente foram as responsáveis pela palatalização, apesar do número de africanos trazidos para o Brasil entre os séculos XVI e XIX. Isso porque, o litoral nordestino, região brasileira que mais recebeu africanos, realiza hoje, predominantemente, [t̺] e [d̺];

d) a língua espanhola, presente no Brasil inicialmente através dos jesuítas, depois fracamente durante a União Ibérica (século XVI-XVII) e por último, com a imigração

espanhola entre 1890 e 1930, também não foi a língua palatalizadora dos fonemas /t/ e /d/, uma vez que, no espanhol, tais fonemas são dentais ([t̪] e [d̪]) e até onde se sabe, não existe “despalatalização” nas línguas;

e) a língua italiana, que chegou ao Brasil através das imigrações entre 1890-1930, da mesma forma que a língua espanhola, realiza as consoantes /t/ e /d/ como dentais.

Entretanto, há no italiano dois sons que se assemelham bastante com o som dos palatalizados [tʲ] e [dʲ]: [tʃ] e [dʒ]. Contudo, o que se observa na maioria de falantes de italiano e de espanhol (em cujo idioma há o som [tʃ]) que aprende português, é a tendência em realizar as consoantes /t/ e /d/ como [t̪] e [d̪] e não, [tʃ] e [dʒ], o que anula a hipótese da palatalização dos fonemas /t/ e /d/ no português brasileiro ser uma herança da imigração italiana;

f) as demais línguas presentes no Brasil foram trazidas no final do século XIX e início do século XX, de acordo com Petrone (1985, p. 93 apud COTRIM, 2002, p. 465), por grupos percentualmente menores como “os de alemães, japoneses, sírio-libaneses, russos, lituanos e austríacos”, o que dificulta a hipótese de tais línguas serem as responsáveis pela palatalização do /t/ e /d/.

Assim, com base no exposto, a hipótese alcançada por esta pesquisa, mais aceita até então, é a de que a palatalização dos fonemas /t/ e /d/ teria sido desencadeada por línguas indígenas. Isso porque, segundo Coutinho (2005, p. 322, grifo do autor),

a língua portuguesa, para aqui trazida pelos descobridores e colonos lusos, apesar do prestígio que lhe dava uma civilização notável e o poder das armas, [...] não conseguiu, como falsamente se poderia supor, pronta vantagem sobre a língua geral dos índios – o *tupi*.

[...] Os cruzamentos, que aqui se verificavam, eram quase todos de mulheres índias com homens do reino.

Ocupados estes nos misteres agrícolas ou comerciais, que lhes absorviam o tempo, não lhes sobrava lazer para ministrarem aos seus descendentes os conhecimentos do idioma pátrio, deixando às mulheres ou companheiras a oportunidade para os iniciarem no manejo da língua nativa.

[...] Além disso, [os missionários jesuítas] nos colégios que criavam, mantinham sempre o ensino do idioma *tupi*, cujas lições eram ministradas aos filhos dos colonos de par com o português.

De acordo com Teyssier (2007, p. 94-95),

durante muito tempo o português e o tupi viveram lado a lado como línguas de comunicação. [...] Em 1694, dizia o P.<sup>e</sup> António Vieira que “as famílias dos

portugueses e índios em São Paulo estão tão ligadas hoje umas com as outras, que as mulheres e os filhos se criam mística e domesticamente, e a língua que nas ditas famílias se fala é a dos índios, e a portuguesa a vão os meninos aprender à escola.”

Somente no início do século XIX é que o português consegue eliminar a língua geral como língua comum, mais de meio século depois do Édito dos Índios, que proíbe o uso da língua geral na colônia.

Assim, não se pode negar que o tupi, ao lado das demais línguas indígenas brasileiras, tenha influenciado a atual língua portuguesa brasileira. Desse modo, considerando-se que é “no decorrer do século XVIII que se documentam as primeiras alusões aos traços específicos que caracterizam o português falado no Brasil” (TEYSSIER, 2007, p. 95), é possível que a palatalização das consoantes /t/ e /d/ em alguns dialetos tenha se originado nas línguas indígenas, mais precisamente nas línguas do tronco Tupí, uma vez que, segundo pesquisas de Leite (1995), a palatalizada [t<sup>j</sup>] pode ser encontrada no Tapirapé, língua indígena da família Tupí-Guaraní.

A palatalização dos fonemas /t/ e /d/ em dialetos brasileiros pode até mesmo ter sido ocasionada pela própria língua geral paulista, originada, segundo Rodrigues (1994, p. 102), “na língua dos índios Tupí de São Vicente e do alto rio Tietê”. Conforme Dias (2009), o tupi (língua geral paulista) era falado em São Paulo, região em que Coutinho (2005) chega a dizer que houve certa predileção por essa língua.

Contudo, se for certa tal hipótese, como se explicaria a palatalização dos fonemas /t/ e /d/ para além do território paulista?

De acordo com Teyssier (2007, p. 94), “era o tupi que utilizavam os bandeirantes nas suas expedições.”

Assim, “nas suas entradas pelo sertão brasileiro, estabelecendo a ligação entre o litoral e o interior, os bandeirantes, entre os quais havia ordinariamente condutores índios, faziam do *abanheém* o instrumento das suas comunicações diárias.” (COUTINHO, 2005, p. 323. grifo do autor)

Dessa forma, teriam sido os bandeirantes que saíam de São Paulo os principais responsáveis por expandir a palatalização do /t/ e /d/ pelo Brasil.



Quanto às regiões palatalizadoras, poder-se-ia dizer que tendem a se expandir. Isso se considerarmos a grande influência que as megalópoles São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte (produtoras de consoantes /t/ e /d/ palatalizadas) exercem sobre o português de todo o Brasil. Essa tendência se confirma na tese de mudança fonética habitual das línguas aqui apresentada, e ainda, no fato de que “dentro de uma perspectiva variacionista se tem como certo que toda mudança pressupõe variação, ou seja, para que a mudança ocorra a língua tem necessariamente de passar por um período em que há variação, em que coexistem duas ou mais variantes.” (CHAGAS, 2002, p. 152) Assim, tomando como base

o caso em que há apenas duas variantes, uma mais antiga [[t̟] e [d̟], visto ser herança lusitana] e outra mais nova [[t<sup>j</sup>] e [d<sup>j</sup>]], poderemos constatar que gradativamente a distribuição das variantes passa de um predomínio da variante mais antiga para um predomínio da variante mais nova, até que haja a substituição completa. (CHAGAS, 2002, p. 152)

## Conclusão

Segundo os estudos aqui realizados sobre a palatalização dos fonemas /t/ e /d/ no Brasil, a hipótese mais aceita até então para explicar a presença de tal processo fonético em alguns dialetos brasileiros, é a de que a palatalização tenha sido desencadeada pelo contato da língua portuguesa com línguas indígenas brasileiras, já que estas línguas conviveram por um longo tempo durante a colonização.

Assim, supõe-se que o processo de palatalização das consoantes /t/ e /d/ tenha se originado especialmente na língua geral falada na região a que hoje corresponde ao estado de São Paulo, e a partir daí, tenha se espalhado pelo Brasil: inicialmente, através das bandeiras e posteriormente, pela influência de megalópoles palatalizadoras, como São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte; o que teria sido facilitado pela tendência de palatalização das línguas.

Todavia, se for mesmo verdadeira tal hipótese para a palatalização dos fonemas /t/ e /d/, resta saber com certeza se foi realmente a língua geral paulista que a desencadeou.

Justamente isso é que se pretende responder com o avanço desta pesquisa.

“No final das contas, a rigor, ainda temos muito que descobrir a respeito das línguas.” (BELINE, 2002, p.139)

## Referências:

- BELINE, R. *A Variação Linguística*. In: FIORIN, J. Introdução à Linguística. São Paulo: Contexto, 2002. p. 121-140.
- CALLOU, D.; LEITE, Y. *Iniciação à Fonética e à Fonologia*. 7. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- CHAGAS, P. *A Mudança Linguística*. In: FIORIN, J. L. Introdução à Linguística. São Paulo: Contexto, 2002. p. 141-163.
- COTRIM, G. *História Global: Brasil e geral*. 6. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.
- COUTINHO, I. *História da Língua Portuguesa*. In: \_\_\_\_\_. Pontos de Gramática Histórica. 7. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2005. p. 46-57.
- \_\_\_\_\_. *O Português do Brasil*. In: \_\_\_\_\_. Pontos de Gramática Histórica. 7. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2005. p. 322-341.
- CRYSTAL, D. *Dicionário de Linguística e Fonética*. Trad. Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- DIAS, A. *Processo de Palatalização no Português: Lagoa da Pedra e Canabrava – TO*. 2009, 176f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras. Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2009.
- GUIMARÃES, E. *A Língua Portuguesa no Brasil*. Ciência e Cultura, São Paulo, v. 57, n. 2, jun. 2005. Disponível em: [http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252005000200015&lng=pt&nrm=iso](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252005000200015&lng=pt&nrm=iso). Acessado em 04-11-09.
- ILARI, R. *Características Fonológicas do Latim Vulgar*. In: \_\_\_\_\_. Linguística Românica. 3. ed. São Paulo: Ática, 2008. p. 72-87.
- \_\_\_\_\_. *Fatores de Dialectação do Latim Vulgar*. In: \_\_\_\_\_. Linguística Românica. 3. ed. São Paulo: Ática, 2008. p. 135-139.
- LEITE, I. *Estrutura Silábica e Articulação Secundária em Tapirapé*. In: WETZELS, W. L. Estudos Fonológicos das Línguas Indígenas Brasileiras. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995. p. 151-194.
- PAGOTTO, E. *Variedades do Português no Mundo e no Brasil*. Ciência e Cultura, São Paulo, v. 57, n. 2, jun. 2005. Disponível em: [http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252005000200017&lng=pt&nrm=iso](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252005000200017&lng=pt&nrm=iso). Acessado em: 04-11-09.
- RIOS, L. *Fonologia*. Cadernos de Pesquisa do ICHL: cadernos de Letras, Goiânia, n. 7, p. 35-46, 1996.
- RODRIGUES, A. *Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1994.
- SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 25. ed. São Paulo: Cultrix, 2003.
- TEYSSIER, P. *História da Língua Portuguesa*. Trad. Celso Cunha. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.